pensamentosmulheristas

≡

10 de dezembro de 201510 de dezembro de 2015

7 mitos sobre o mulherismo africana

Gilza Marques

Resposta ao texto “Mulherismo africana: hoje não”

(Esse texto é uma resposta ao texto supracitado. Para facilitar a exposição das ideias, o dividi em tópicos. Vamos a eles.)

MITO 1: O mulherismo africana é uma teoria africana antiga que não se aplica ao contexto brasileiro:

O mulherismo africana tem como uma das suas principais teóricas uma mulher preta africana nascida nos EUA, no século XX, mais precisamente em 1945, a Cleonora Hudson. Ele surge, assim, no contexto diaspórico (assim como o conceito de “negritude” tão utilizado atualmente). Se o mulherismo, enquanto teoria PRETA nascida no século XX não nos engloba, seria o feminismo, uma teoria BRANCA nascida no século XIX, a teoria que nos englobaria? (Deixo a pergunta.)

MITO 2: O mulherismo é machista

O mulherismo africana é, essencialmente, teorizado por mulheres pretas. Estariam essas mulheres reproduzindo o machismo? Gostaria de demonstrar as diferenças da análise feminista e mulherista com um exemplo.

No terreiro, a obrigação de servir a comida é feminina. Na minha casa também era assim: cabia a minha mãe colocar a comida do meu pai, a minha e das minhas irmãs e também dos vizinhos (em casa de preto, todo mundo come!). Uma análise feminista irá apontar o sexismo desta prática, dizer que trata-se de uma exploração feminina, expressão do patriarcado, exemplo de comodismo do homem preto.

A análise mulherista é diferente porque busca identificar qual a origem das diferenças do papel homem x mulher. No terreiro (e também na casa da minha mãe) é a mulher que coloca a comida porque é ela que tem o poder de nutrir a comunidade. Somente a mulher é vista como aquela que tem o dom de repartir a comida de maneira igual. A comida é sagrada, é de todos. É a mulher que decide quem vai comer primeiro, quem vai comer por último e SE aquela pessoa irá comer. Assim, não se trata de uma expressão de subalternidade, mas de poder. Isso é essencialmente africano.

MITO 3: O mulherismo passa pano pra machista

A teoria a qual a gente está embasada condiciona o nosso olhar. Assim, o feminismo nos condiciona a olhar toda e qualquer diferença homem x mulher como exploração. Um das coisas que o mulherismo propõe é: paremos de olhar toda e qualquer diferença homem x mulher como nociva! (E talvez seja esse o motivo que acusam o mulherismo de machismo).

Voltemos ao exemplo do terreiro (porque é o que nós temos de mais africano por aqui, né?). Somente aos homens é permitido ser Ogã. O candomblé é por isso machista? Alguém já se perguntou por que todos os orixás, masculinos ou femininos, vestem SAIA? A diferenciação dos papéis homens x mulher é nociva no patriarcado (branco) porque coloca as mulheres em condições de subalternidade, mas nas comunidades africanas tradicionais (ou nos ritos africanos tradicionais) as mulheres têm o poder de comando. Nossas comunidades são matriarcais. As ialorixás são o exemplo mais nítido disso, ou aquela tia da família negra à qual todo mundo recorre. Já perceberam que nunca é um "tio"?

Com isso não estou dizendo que o homem preto não possa ser machista. Ele é (e muito!). Mas esse machismo é, nada mais, que a interiorização pelo homem preto, do patriarcado branco. Em última instância (e é isso que o mulherismo irá dizer), o machismo do homem preto é uma expressão do racismo internalizado. O mulherismo propõe desconstruir isso, com homens e mulheres JUNTOS. JUNTOS, SIM, porque historicamente, nunca estivemos separados. Dou a mão aos meus irmãos negros inclusive quando eles erram. Alguém pode me apontar objetivamente quais são os privilégios que os homens pretos têm na nossa sociedade?

MITO 4: Os/as mulheristas e afrocentrados/as falam de uma África maravilha

É preciso entender o mulherismo africano como uma teoria que está dentro de um contexto maior: a afrocentricidade. E quando a gente fala de afrocentricidade, pan-africanismo, etc…, estamos tentando voltar a uma África ideal, mística, perfeita? NÃO! Talvez seja essa uma das acusações mais infundadas contra o mulherismo e a afrocentricidade. Vou citar uma alegoria de Kabengele Munanga pra ilustrar a afrocentricidade mulherista.

Se você pegar esculturas de diversos povos africanos diferentes (do norte, do leste, do extremo sul da África) e levar para uma exposição na Europa, as pessoas saberão identificar que aquelas esculturas são africanas. Existe alguma "coisa" que caracteriza todas essas esculturas e permitem que povos geograficamente separados tenham suas expressões reconhecidas como una. Essa "coisa" é a africanidade. O oposto da africanidade é o modo de ser greco-romano. O que os/as afrocentrados/as propõem é o retorno aos VALORES africanos. E os valores africanos incluem a matriarcalidade, o respeito à natureza, o coletivismo social, etc..

MITO 5: Os/as afrocentrados/as não são realistas. Se dizem africanos, mas nós somos negros/as brasileiros/as.

Eu, mulher preta em diáspora, não me sinto contemplada com o Estado nacional brasileiro da forma como ele foi criado (um modelo europeu de Estado, diga-se de passagem). Não consigo enxergar o que eu tenho

ele foi criado (um modelo europeu de Estado, diga-se de passagem). Não consigo enxergar o que eu tenho em comum com os igualmente brasileiros brancos classe-média para além do fato de termos nascido neste solo tomado, saqueado e forjado. "Brasil" é uma construção geográfica, e não uma essência. Esse país nunca nos quis, nunca nos incluiu e genocida o nosso povo diariamente. O padrão hegemônico brasileiro é branco, portanto europeu. Nascer no Brasil nos torna brasileiros? Nós, pretos e pretas do Brasil, somos cidadãos de segunda classe, estrangeiros na "nossa" própria terra. Estou mentindo?

A minha pele preta é a minha essência. Eu sou preta, não verde e amarela. Em resumo: prefiro a afrocentricidade à brasilidade, porque a brasilidade é da ordem da brancura, ou da ordem da mestiçagem que me apaga. A brasilidade nunca incluiu os valores pretos. A brasilidade é gilbertofreiriana.

MITO 6: O mulherismo é heteronormativo

Como eu disse, o mulherismo é afrocentrado. Seriam estas teorias heteronormativas e homolesbotransfóbicas? Eu vou recorrer aos orixás e ao terreiro de novo.

Todo mundo conhece a história de Oxumaré (orixá 6 meses homem, 6 meses mulher) e o itã do amor entre Oxum e Yansã. Qual a única religião que admite homossexuais em posição de comando?

O conceito de "lésbica", "gay", "transexual" são conceitos essencialmente modernos e brancos. O "jeito africano" de pensar "gênero" foi totalmente deturpado. Poderia eu dizer que Oxumaré é trans? Ou que Oxum é bissexual? Entende que não cabe? A forma como o gênero é pensado, inclusive pela teoria queer, não diz sobre a nossa ancestralidade. A própria experiência da sexualidade nas comunidades africanas é diferenciada. Há, sim, uma valorização do papel da mulher preta enquanto portadora do ventre original, aquela que está ligada à terra, porque é dela que vem a vida, mas eu dizer que o mulherismo é heteronormativo é uma aberração teórica. É interpretar com uma teoria branca (feminismo) o que é preto.

Eu sou uma mulher preta casada com outra mulher preta e sou mulherista. O papel da mulher preta nas comunidades africanas nunca foi de mera procriadora. Ademais, o conceito de família africano nunca foi pai-mãe-filhos. NUNCA FOI! Lembremos da história de Nanã-Obaluaê. O seu papel é completamente diferente do papel Maria-Jesus Cristo. A heteronormatividade é BRANCA, judaico-cristã. Por favor, tirem suas análises brancas do meu povo preto.

MITO 7: O feminismo negro nos contempla mais que o mulherismo africana

Pra mim, (por favor não se ofendam), feminismo negro não existe. É como eu querer falar de marxismo negro. Neoliberalismo negro. Psicanálise negra. Gente: É TUDO TEORIA BRANCA! É branca em sua essência! Desde a sua base de análise!

Eu respeito as irmãs que se dizem feministas pretas, mas eu discordo veementemente de pressupostos como a interseccionalidade e a forma de analisar a sociedade como numa pirâmide . O feminismo é uma teoria branca nascida no século XIX. Ponto. Fazer remendo no feminismo e chamá-lo de negro é concordar com uma teoria que nasceu quando ainda éramos escravas e nunca se importou com a gente, achando que ela vai dar conta das nossas demandas: NÃO VAI!

Eu prefiro adotar uma teoria preta, reconhecê-la como em construção e tentar aprimorá-la, do que partir de uma teoria que já nasceu equivocadamente branca. Como o objetivo do texto não é desconstruir o feminismo negro, eu vou finalizando por aqui. Mas de uma coisa fiquem certos/as: se quando o feminismo nasceu, as mulheres negras escravizadas os tivessem incorporado nós estaríamos todos FODIDOS/AS! É impossível falar em emancipação feminina num contexto em que homens e mulheres pretos são dilacerados pelo racismo. Não dá pra falar em emancipação de Cláudias sem emancipação de Amarildos.

PARA CONCLUIR

Bom, é isso. Espero que o texto desperte debates interessantes, sem rixas pessoais. O texto original que inspirou este texto está disponível nas quebradas do facebook.

Espero poder trocar ideias com a autora. Beijos afrocentrados.

Deixe um comentário

Blog no WordPress.com. | O tema Cubic.